

Veículo: *Valor*

Data: 02/06/2004

Autor: Carlos Eduardo Lins da Silva

Uma cruzada pelo reencontro com a verdade e a favor do capitalismo

Na inauguração do Instituto Fernando Henrique Cardoso, dia 22, o ex-primeiro-ministro de Portugal Antonio Guterres fez sucesso com uma frase de efeito na qual inverte os termos da equação proposta pelo presidente George W. Bush após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001: "Quem não está contra nós está conosco."

A tese de uma frente ampla planetária contra a reeleição do ocupante da Casa Branca vem ganhando mais adeptos a cada dia, embora - é evidente - os cidadãos de outras nacionalidades não tenham o direito de votar nos EUA, apesar de todos serem afetados pelas conseqüências da escolha ali realizada.

Assim, os adversários de Bush no mundo inteiro, que antecipam em mais quatro anos de sua administração extraordinário aumento de risco para a paz e a segurança internacionais, estão saudando a incorporação ao grupo do financista George Soros, que, além de colocar uma parcela de sua fortuna à disposição do candidato de oposição a Bush, resolveu disseminar suas idéias contra o presidente americano em novo livro.

O trabalho não prima pela originalidade - nem dos argumentos contra a permanência do atual grupo que detém o controle do Poder Executivo nos EUA, nem mesmo das teses principais, que Soros tem defendido em seus escritos ao longo dos anos. Nascido na Hungria em 1930, Soros deixou seu país natal aos 17 anos, inconformado com a experiência de viver sucessivamente sob o nazismo e o comunismo. Na Inglaterra, estudou na London School of Economics e se deixou influenciar pesadamente pelas idéias do filósofo Karl Popper, ainda hoje a fonte principal de embasamento teórico para seus artigos, livros, conferências e ações filantrópicas.

No livro que está lançando, Soros aplica à política externa do governo Bush os mesmos princípios que já usara em outras obras. Em resumo: existe divergência entre a realidade e a percepção que dela têm alguns protagonistas em controle de mecanismos de poder, a qual pode redundar em conseqüências imprevistas e, por vezes, catastróficas. Da mesma forma como antes alertara para os efeitos desse conhecimento imperfeito por parte de agentes do mercado financeiro, agora Soros faz o mesmo em relação a Bush e ao grupo neoconservador que o cerca.

Relevante no livro, muito mais do que os fatos arrolados e o raciocínio desenvolvido, é o simples fato de um dos mais importantes atores do "establishment" financeiro multinacional (radicado nos EUA desde 1956) se lançar de maneira tão ostensiva e resolvida na arena político-partidária americana sem almejar para si nenhuma vantagem pessoal aparente.

Soros é conhecido pela preocupação social, que o tem levado a financiar dezenas de projetos desde 1979, quando pôs dinheiro à disposição de estudantes negros que quisessem estudar em universidades particulares na África do Sul. Sua atuação tem sido importante nos países da Europa Oriental que depois da Segunda Guerra fizeram parte da área sob controle da União Soviética.

Mas esse tipo de atividade - sem dúvida admirável - sempre se caracterizou ou por motivação humanitária ou de caráter nitidamente de defesa dos primados do capitalismo. O que surpreende na atual cruzada é o embate entre ele e um líder político que alega ser (e provavelmente acredita ser) o principal guardião da ordem capitalista. É correto, como argumenta Soros, que - ao contrário - de fato Bush é a maior ameaça às causas que pretende representar. Ninguém causou maior dano na história dos EUA àquela nação e aos ideais que ela encarna (democracia representativa, liberalismo político, sistema capitalista etc.) do que Bush e seu time.

Mas uma grande porcentagem da população americana (ao menos 40%, segundo recentes pesquisas de opinião) e uma parcela expressiva de pessoas em outros países não parecem convencidas disso que - para Soros e muitos outros, inclusive vários conservadores - parece uma obviedade absoluta.

Daí a importância de ir a campo para tentar convencer eleitores americanos de que Bush

e companhia agem contra os interesses dos EUA talvez até muito mais do que seus inimigos declarados. O livro e, principalmente, os recursos materiais de Soros são contribuição importantíssima para uma eventual vitória da oposição em novembro.

O senador John Kerry provavelmente não é o presidente americano dos sonhos de Soros. Sua trajetória política - embora absolutamente centrada nos valores básicos americanos - revela o alinhamento sistemático às teses rooseveltianas sepultadas pelo neoliberalismo da era Reagan/Thatcher (o qual, em grande parte, ofereceu condições para Soros acumular fortuna em operações internacionais).

Mas isso provavelmente importe pouco diante da ameaça que Soros vislumbra na possível validação pelo eleitorado americano da linha de ação de Bush. O senso comum político-eleitoral determinou que Kerry, dentre os que se apresentaram como voluntários para a missão, é o único com as condições necessárias para enfrentar Bush com chance de vitória.

Kerry já se beneficiou dessa convicção dos especialistas durante as primárias de seu partido, em que liquidou outros dez pretendentes em tempo recorde. Mas não conseguiu despertar o entusiasmo de ninguém, e aí reside o perigo para quem espera ver Bush derrotado.

Como o voto nos EUA não é obrigatório e as eleições acontecem no fim do outono - quando em boa parte do país as condições climáticas são desfavoráveis (chuva, frio e neve) - é vital para a vitória que o candidato seja capaz de mobilizar eleitores a comparecerem aos locais de votação.

Para isso, é fundamental dispor de recursos para propaganda, o que Bush tem de sobra. Daí, o valor do compromisso de pessoas como Soros, dispostas a financiar, se não a campanha de Kerry (ao que a legislação impõe restrições), ao menos a arregimentação de cidadãos (especialmente os que nem têm título de eleitor) para as urnas.